

AUDIO CINEMA EM CASA



YG ACOUSTICS
CARMEL 2
UM BÁLSAMO
PARA OS OUVIDOS

Ainda nesta edição:

B&W 606 • Luxman L-509X • Ayre Codex
Audiolab 6000CDT • Acoustic Energy AE500
Pro-Ject CD Box RS2 T / DAC Pre Box RS2
LG SL8Y • Kef R 11 • ADL Stratos



IFA 2019 O MOVIMENTO CONTÍNUO

Pass INT-25 um integrado cheio de classe



5 607853 027434



N.º 279
ANO 31 • BIMESTRAL • 4.00 €
NOVEMBRO/DEZEMBRO 2019
WWW.AUDIOPT.COM

B&W amplia a sua linha de colunas para instalação

No caso dos cinco novos modelos da nova série CI700, da B&W, o primeiro avanço significativo é a inclusão da tecnologia de *tweeter* Carbon Dome, usada pela primeira vez nos na série 700. A cúpula de carbono possui duas secções. A parte frontal é uma cúpula de alumínio de 30 micrones que foi reforçada com um revestimento de carbono PVD (Physical Vapor Deposition). A segunda secção é um anel de carbono de 300 micrones que foi perfilado para corresponder à forma da cúpula principal. Implantado na nova série CI700, nas versões *midrange* bidireccional e tradicional bidireccional, o Continuum é o material de cone mais limpo e transparente que a Bowers & Wilkins já usou.

Originalmente desenvolvidos para a linha Diamond da série 800 e posteriormente adaptados para uso na série 700, os cones dos altifalantes de graves de perfil Aerofoil usam papel em vez de fibra de carbono nesta implementação.

E embora a nova série CI700 ofereça um aumento significativo no desempenho, to-



das as colunas da nova série foram projectadas para se ajustarem às áreas de encastrar utilizadas pela Bowers & Wilkins, permitindo um *upgrade* simples para quem tenha modelos da linha original.

Representante: **B&W Group Spain**

Tel.: **+351 963 912 666**

www.bowers-wilkins.es

B&W 606, CONCERTO A DUAS MÃOS



Jorge Gonçalves/Miguel Marques

Uma vez mais, vamos ter aqui na *Audio* um teste elaborado a duas mãos, ou seja, eu começo pela descrição dos aspectos mais ligados à tecnologia e o Miguel Marques fala sobre as experiências de audição.

E falar sobre a B&W começa por recordar com muito prazer tudo aquilo que a marca britânica conseguiu com a incontornável série Nautilus, rebaptizada posteriormente para linha 800. Por detrás do lançamento de mais uma versão das 800 esconde-se um amplo conjunto de inovações tecnológicas, as quais são posteriormente transportadas, com adaptações, para as gamas mais acessíveis.

E foi isso que aconteceu com a gama que mais vende na B&W, a 600, a qual viu lançada no mercado a sua sexta iteração há cerca de um ano. De facto, depois dos cones dos altifalantes de graves das colunas da gama 800 terem passado a ser fabricados em Continuum, um novo material desenvolvido directamente pela B&W, há mais ou menos seis anos, chegou agora a vez de ele equipar a unidade de médios/

graves das 606, um modelo de duas vias para montagem em suporte.

Seguramente, quase todos recordam que a B&W desenvolveu igualmente um dos materiais de maior sucesso para ser utilizado em altifalantes e que foi copiado por uma grande quantidade de outros fabricantes. De acordo com a B&W, a empresa gastou mais de oito anos desenvolvendo

o Continuum, construindo mais de 70 iterações antes de começar a utilizá-lo na produção final dos cones para os seus altifalantes. Apesar disso, detalhes técnicos sobre o material são coisa que está no segredo dos deuses mesmo para quem conhece quase toda a gente dentro da empresa, como é o meu caso. E talvez seja essa a razão pela qual a B&W mantém



um nível elevado de secretismo em torno deste material, já que ao proceder assim tenta impedir outros fabricantes de o copiar, como fizeram com o Kevlar, chegando mesmo ao extremo de não registar nenhuma patente para o Continuum, uma vez que isso corresponderia a abrir imediatamente o jogo quanto à sua composição. A estrutura composta do Continuum assenta num conceito de graus continuamente variáveis de flexibilidade que ajudam a evitar as transições abruptas, que podem prejudicar drasticamente o comportamento em termos de *break-up*, e a neutralidade de uma unidade electrodinâmica. Como resultado, a resposta em frequência é notavelmente previsível ao longo de toda a gama de funcionamento. E é este excelente material que é utilizado no cone do altifalante de médios/graves de 6,5 polegadas das 606.

O *tweeter* das 606 também é novo para esta série, embora seja uma adaptação do que é utilizado noutros modelos na gama da marca. É uma versão actualizada da famosa unidade de cúpula de alumínio dupla de 25 mm desacoplada, da B&W. As modificações efectuadas permitiram que a inevitável ressonância de alta frequência fosse mudada para um valor mais elevado (38 kHz) e, portanto, ainda mais longe da gama audível. A construção em «dupla cúpula» difere da de um *tweeter* de cúpula normal, porque em vez de se fixar a cúpula directamente à forma da bobina de voz, liga-se primeiro a ela uma secção de outra cúpula com um grande recorte central e só então a cúpula de alumínio completa é ligada à secção recortada na primeira. Embora seja necessário mais um passo na linha de produção, o resultado é uma cúpula mais rígida, simplificando-se ao mesmo tempo o processo de montagem e diminuindo-se igualmente as possibilidades de desalinhamento durante a fabricação. Ao contrário de muitos dos anteriores *tweeters* da B&W, o modelo usado nas 606 está instalado num tubo de secção variável, estilo «Nautilus», de modo a que a energia que vem da parte traseira da superfície da cúpula seja absorvida em vez de ser reflectida (o tubo é cónico para ajudar a garantir uma absorção uniforme ao longo de uma gama mais ampla de frequências).

Nas cinco gerações anteriores das séries 600, a B&W colocava o pórtilo *reflex* no painel dianteiro. Nesta sexta geração, o pórtilo está agora na traseira, embora ainda use a tecnologia Flowport. Esta tecnologia foi desenvolvida para abordar um dos problemas fundamentais dos pórtilos *bass-reflex*, e que consiste no facto de

eles às vezes poderem criar ruídos indesejados quando o altifalante de graves é fortemente excitado, devido ao valor considerável do fluxo de ar através do pórtilo. Algum deste ruído é causado pela turbulência gerada pela interacção das moléculas de ar com a superfície do pórtilo. O Flowport resolve isso por «ondulação» na superfície do pórtilo, o que minimiza a turbulência de um modo semelhante às ondulações numa bola de golfe que melhoram a sua deslocação pelo ar depois de ela ter sido batida pelo taco.

Existem dois conjuntos de terminais na

traseira, o que significa que as 606 podem ser biamplificadas ou bicabladas. O *crossover* está montado na parte traseira da coluna e, embora não sejam fornecidos detalhes exactos sobre a sua composição, a B&W reclama que ele foi simplificado o mais possível, o que tem sentido, pois quanto melhor for a qualidade de construção dos altifalantes mais simples resulta o filtro separador de frequências.

Tal como se tornou quase obrigatório em projectos modernos de colunas *bass-reflex*, a B&W inclui com as 606 dois tampões de espuma que podem ser usados





para bloquear parcialmente ou completamente os pórtricos de uma ou de ambas as colunas. O manual do utilizador dá algumas indicações úteis no que diz respeito à utilização destes tampões: colocar as colunas mais longe das paredes permite normalmente reduzir o volume de graves; deixar algum espaço livre atrás delas também igualmente pode criar uma ideia auditiva de profundidade. Por outro lado, movendo as colunas para mais perto das paredes aumentar-se-á o volume dos graves reproduzidos. E se o utilizador quiser reduzir o volume de graves sem alterar a posição das colunas, pode ajustar os tampões de espuma ao longo do pórtrico ou, para uma redução de graves menos notória, puxar os tampões de espuma para

mais perto da entrada do pórtrico. O tubo do pórtrico tem 170 mm de comprimento e 55 mm de largura, pelo que há poucas hipóteses de empurrar o tampão até ao fundo, o que faria com que ele caísse acidentalmente dentro da caixa.

Outra melhoria nas 606 é o facto de agora serem utilizados pequenos ímanes – em vez de peças de aço ou plástico – para segurar as grelhas das colunas na posição correcta. A B&W diz que por detrás desta decisão está a intenção de se obter um formato mais «limpo» para as colunas, mas também resolve um problema que alguns possuidores de colunas experimentam com fixadores de plástico, que é o facto de eles serem muito fáceis de se partir acidentalmente quando se remove uma grelha (por exemplo para a limpar, ou ainda durante uma sessão de audição «com e sem»).

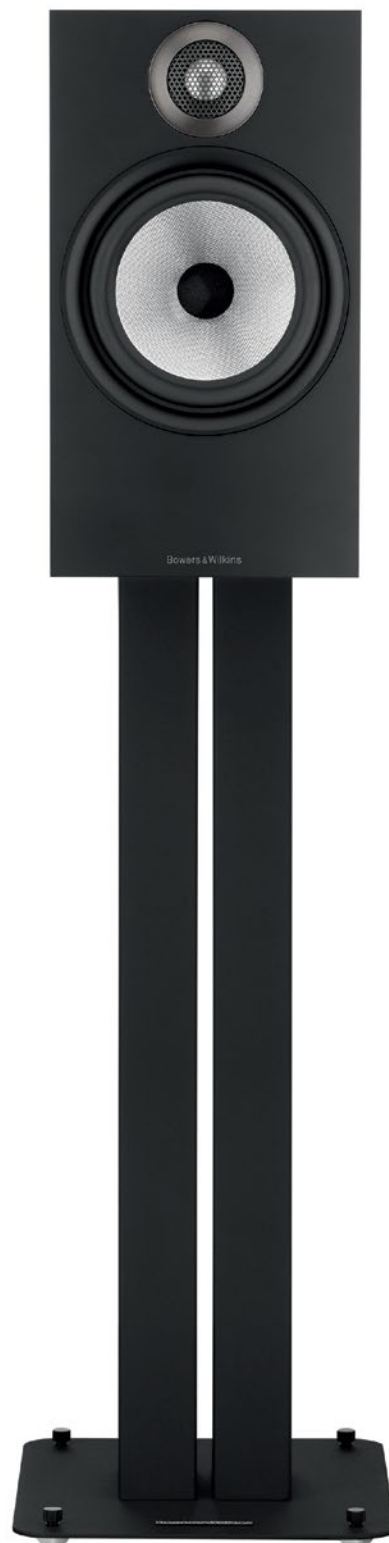
A impedância característica das 606 é de 8 Ohm, com um mínimo de 3,7 Ohm, a sensibilidade de 88 dB/W/m e a distorção máxima de 1% entre 100 Hz e 22 kHz, um valor realmente muito baixo para este tipo de colunas. A resposta em frequência estende-se dos 52 Hz aos 28 kHz, ± 3 dB.

As 606 estão disponíveis apenas em duas cores – preto ou branco. O acabamento preto é mate e resulta de se utilizar como revestimento externo um folheado de vinilo finamente texturizado. É um acabamento muito «puro» que reflecte a luz uniformemente independentemente do ângulo de visão, de tal forma que parece ser mais uma cor cinza tipo «carvão vegetal», do que um preto profundo. Nas colunas pretas a grelha é igualmente negra, mas as colunas brancas recebem uma grelha cinza. O resultado final sugere uma etiqueta com um preço bem acima daquele que a B&W pede por estas colunas

Audições

Miguel Marques

Depois de quase cinco anos sem alterações, a britânica B&W decidiu rever toda a sua linha 600 com três novos modelos: as 607, as 606 e as 603 – cujo tamanho, de forma algo contra-intuitiva, aumenta à medida que a graduação numérica desce, o que significa que as 606 aqui analisadas são maiores (e mais caras) que as outras monitoras – as 607 –, e que as 603 são colunas de chão de tamanho já bem imponente. Tendo em conta a importân-





cia desta gama para a B&W e as evoluções sentidas nos últimos anos nas colunas mais acessíveis, a expectativa do meu lado era muita – apesar de serem testadas com um *setup* relativamente modesto: Rotel RA-12 (marca pertencente também ao grupo B&W), cabos USB e RCA da linha de entrada da Chord (muito recomendados) e um DAC da Micromega (ligando o computador por USB, a forma mais prática de ouvir música de todas as que experimentei até agora). Todos os ficheiros utilizados foram FLAC a 16 bit / 44,1 kHz, ripados de CD – dado que o *streaming*, MQA, Hi-Res, DSD, remasterizações e afins ainda não me convenceram das suas supostas vantagens; o CD, e ripagens do mesmo, continuam imbatíveis.

Iniciei então a minha audição com *How the West Was Won*, compilação dos Led Zeppelin (gravada com bastante qualidade mesmo sendo ao vivo), e o que me marcou imediatamente foi a qualidade da separação instrumental – os instrumentos nunca se embrulham uns nos outros e estão sempre perceptíveis, ao ponto de poder até ocasionalmente o som da banda perder alguma coesão. A segunda impressão foi que vozes e guitarras acústicas (e mandolim, neste caso) soam particularmente nítidas, como no tema *Going to California*, um dos melhores da banda inglesa. Em *Since I've Been Loving You*, a interação entre a estridência da voz de Plant e a electricidade dos solos de Page assumem uma nitidez e pujança impressionantes. No disco seguinte, a banda sonora do filme *Submarine* de Alex Turner

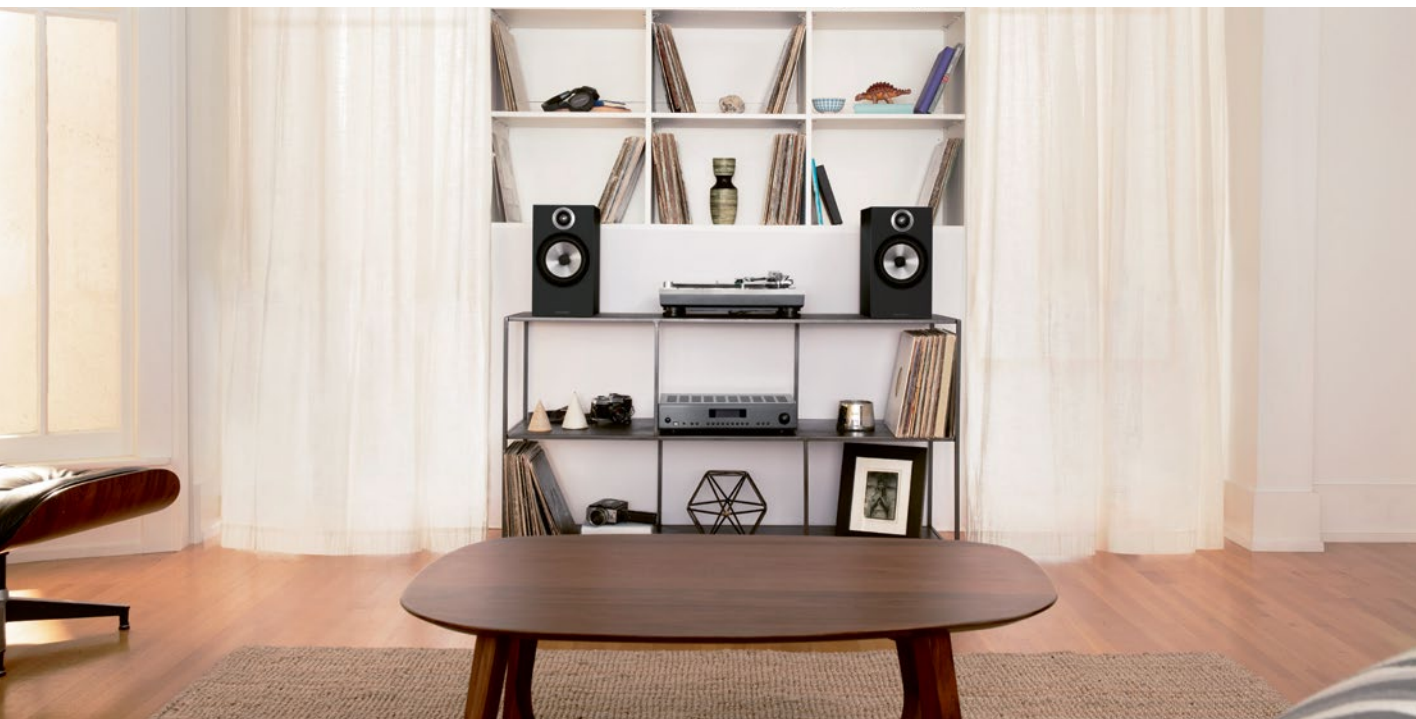
(Arctic Monkeys), com uma produção muito mais elaborada, notou-se melhor a excelente imagem estéreo das 606, dando a sensação que o cantor inglês estava a tocar mesmo à nossa frente; ao mesmo tempo, as vozes e as guitarras acústicas entraram novamente em destaque, confirmando-se o desempenho nesta área como um (entre outros) dos pontos fortes destas colunas.

Passei então do *rock* para a obra-prima de Wagner, *Tristão e Isolda* (talvez o meu prelúdio preferido da música «clássica», aqui no apogeu do romantismo, que deu origem ao famoso *Tristan Chord*), pela Orquestra Filarmónica de Berlim com o reputado maestro Herbert von Karajan. Novamente sobressai a sublime separação instrumental das 606, tão importante em música tão densamente orquestrada, e na minha opinião muito acima da sua gama – notando-se também a excelente adaptação às fortes variações dinâmicas da ópera (já agora, em contraste com a quase ausência de variações dinâmicas na música de hoje em dia). Estas colunas soaram, aliás, notáveis a baixo volume em todos os discos ouvidos, uma das muitas provas da sua qualidade. Ainda dentro do romantismo, mas num registo muito diferente, pus a tocar o disco *Nocturnos de Chopin*, da pianista portuguesa Maria João Pires (felizmente regressada ao nosso país, e com um justo e tardio reconhecimento político), em que o timbre do piano soou irrepreensível – eventualmente com ligeira predominância nos agudos para alguns (o que também poderá ser da produção do

disco), mas após alguma habituação passei a interpretar essa marcante presença mais como claridade e definição – portanto se o leitor sentir o mesmo, dê-lhes algum tempo, e poderá chegar à mesma conclusão. Aliás, lendo alguns comentários na Internet, o excesso de brilho aparecia com alguma frequência, mas eu rapidamente me habituei ao mesmo (e inclusive gostei). As dinâmicas voltam a surpreender, e muito – e em peças como as do compositor polaco isso é essencial.

Para discos de *jazz*, foram escolhidos *Time Is of the Essence* (1999), do (já falecido) saxofonista Michael Brecker, e *Finding Gabriel*, do pianista Brad Mehldau. No primeiro, um dos últimos gravados (ainda que parcialmente) pelo famoso baterista Elvin Jones, do quarteto de John Coltrane, sobressaem o som do órgão de Larry Goldings, com um baixo pujante e a muita clareza das diferentes vozes dos complexos acordes, bem como o sempre cuida-





do som de guitarra de Pat Metheny (aqui menos produzido que em outras instâncias, felizmente) – a agressividade do som de tenor de Brecker, muito inspirada em Coltrane, soa aqui sem qualquer perdão, como deve ser; curioso ainda como o som dos três bateristas do disco (Elvin Jones, Bill Stewart, Jeff Tain Watts) se distingue com muita facilidade (pelo menos, para um ouvido atento), mais uma prova da transparência destas colunas. Por fim, na última criação de Mehldau, que tocará mais a música electrónica que o jazz, a complexidade dos arranjos e os muitos instrumentos aparecem-nos com um deta-

lhe impressionante, nada ficando por ouvir – com destaque para o som agressivo e preciso dos solos na trompeta de Ambrose Akinmusire ou para os ritmos *drum'n bass* da bateria de Mark Guiliana. É nesta complexidade musical (como na obra de Wagner), de muitos instrumentos e muitas coisas a acontecer, e também no extremo oposto, da simplicidade das vozes e guitarras, que senti que as 606 mais brilharam. Tudo se ouve, nada se embrulha ou mistura.

Em resumo, apresentando boa sensibilidade, as 606 deverão ser fáceis de amplificar, e após, apenas para alguns, uma

eventual habituação aos agudos, soam nítidas e definidas; os baixos raramente me soaram desequilibrados, mas quando a sua presença se tornou algo mais marcante, as espumas providenciadas pela marca resolveram o problema.

Uma questão final que poderá ser relevante é a elevada transparência que, nas gravações mais fracas ou nos ficheiros com menor qualidade pode provocar um certo franzir de sobrancelhas – uma breve passagem pelo Spotify para ouvir os discos aqui mencionados mostrou isso mesmo, com uma confirmação posterior através da audição de alguns CD's com gravações medíocres. Mas claro que aqui o problema não pode ser assacado às 606 – se os serviços de *streaming* utilizam com alguma prodigalidade o DSP e as editoras não cuidam devidamente dos seus *masters*, umas boas colunas só podem mostrar isso mesmo. Em jeito de conclusão, se ouvir as 606 despido de eventuais preconceitos relacionados com o seu posicionamento na gama de preços, ficará certamente muito agradavelmente surpreendido. Eu fiquei e já não as deixei sair de casa.



Colunas B&W 606

Preço: 700 €

Representante: B&W Group Spain

Telef.: 963 912 666

www.bowers-wilkins.es